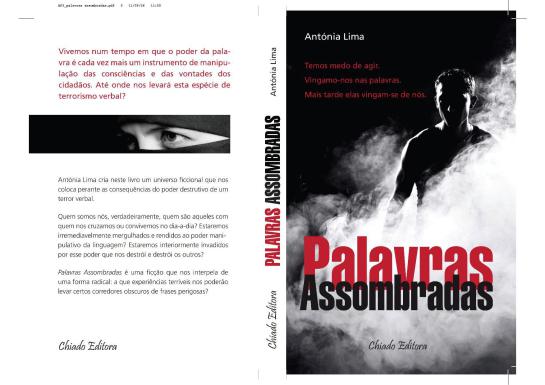
<http://factormedo.wordpress.com/2012/11/14/o-lugar-de-palavras-assombradas-nuno-cacilhas-a-conversa-com-maria-antonia-lima/>

# O lugar de PALAVRAS ASSOMBRADAS, de Maria Antónia Lima

[14/11/2012](http://factormedo.wordpress.com/2012/11/14/o-lugar-de-palavras-assombradas-nuno-cacilhas-a-conversa-com-maria-antonia-lima/) BY [FACTOR MEDO](http://factormedo.wordpress.com/author/coisasdocorpo/)

*Maria Antónia Lima lecciona Literatura Norte-Americana, Cultura Norte-Americana Contemporânea e Literatura Norte-Americana e Artes na Universidade de Évora, onde, além destas, coordena o grupo disciplinar de Literatura e Artes, tendo investigado e publicado nas áreas da Poesia Moderna e da Literatura Gótica. Possui ainda vários artigos de crítica literária publicados em revistas da especialidade e nos jornais O Independente e Público. É membro da International Gothic Association, da Pop Culture Association e do Centro de Estudos Anglísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tem dirigido um Curso de Mestrado em Criações Literárias Contemporâneas, tendo também organizado colóquios, workshops e Cursos Livres de Literatura Contemporânea, nos quais tem promovido diálogos pluridisciplinares entre a literatura, as ciências e as outras artes. Recentemente tem orientado Seminários de Escrita Criativa, tendo-se dedicado à criação de ficção gótica.*

[](http://factormedo.files.wordpress.com/2012/11/af3_palavras-assombradas-capa.jpg)

………………………………

***1. Se Palavras Assombradas fosse uma obra plástica seria O Grito de Münch. Concorda com esta observação?***

Agradeço o elogio da comparação, mas algo existente não se pode tornar numa outra coisa qualquer, a não ser no reino da fantasia, e a Literatura, tal como a concebo, tem um enorme compromisso ético com o Real e com o seu universo criativo para poder aceitar transformar-se em algo diferente de si própria. *Palavras Assombradas*será o que o leitor queira que o livro seja e nada mais. Temos é de desejar ter sorte que o livro encontre um leitor atento, informado e sensível. Se ao lê-la lhe vier à memória essa espantosa obra de Münch, tanto melhor, pois assim o livro comprovará o seu alcance estético, o que me poderá deixar mais satisfeita relativamente ao seu impacto, neste caso, mas menos segura relativamente a outras associações imagéticas possíveis, pois como sabe a mente humana tem um poder associativo infinito sendo capaz de tudo, e este é o factor mais inquietante para quem cria algo, pois nunca se sabe o que os leitores irão pensar durante a sua leitura. O *Poço e o Pêndulo* de Edgar Allan Poe, por exemplo, foi já usado para um *serial killer* praticar os mais horrendos crimes. O romance mais célebre de Salinger justificou também o assassínio de John Lennon. *Clube de Combate*de Chuck Palahniuck serviu a muitos replicantes para espalhar a violência num país que já a possuiu em doses bastante generosas. Por isso, tenho muito respeito relativamente ao perigo de certas leituras poderem justificar os pensamentos, os gostos e os actos de quem lê, que por vezes apenas se interessa pelas obras para fundamentarem as suas visões e pensamentos não se importando minimamente com quem escreve e com a intenção de sentido das palavras do autor. Encontrar um leitor que não esteja demasiado auto-centrado e contaminado por prejuízos pessoais, sejam eles até estéticos e filosóficos, é de facto muito difícil. Por isso, todo o acto de leitura é simultaneamente fascinante mas também perigoso para o autor e para a sua obra, pois esta pode ser totalmente distorcida e mal-entendida pelo público, sendo este um risco que muitos escritores já correram no passado. Trata-se de um dos lados góticos do acto da escrita, e é nesse sentido que os escritores devem lançar o seu GRITO, para que não manipulem as suas palavras indevidamente, pois são eles quem mais se batem pela causa de restituir à linguagem o seu poder inicial. É neste sentido que posso responder afirmativamente à sua pertinente questão. No livro, as palavras mais perversas são as que mais possuem intenções de manipulação, e por isso mesmo são as menos fiáveis. Todas as páginas foram invadidas por esses sons distorcidos, semelhantes às linhas ondulantes e neuróticas que invadem a paisagem pictórica desse marco da arte Expressionista. O mesmo tumulto e agitação interior que deu origem a esse gesto estridente está contido na turbulência psíquica de que sofrem muitas das personagens, querendo umas libertar-se desses tormentosos ecos e desejando outras contribuir para os agravar ainda mais.

***2. Podemos afirmar que Palavras Assombradas é uma denúncia da fragilidade presente na estrutura da nossa realidade simbólica. Existe um sentido utópico nesta denúncia?***

De facto essa estrutura está não só fragilizada como em perigo iminente de ruir. Muitas pessoas têm medo desse desmoronamento, porque podem não ter modelos prontos a usar que substituam os antigos com a mesma eficácia. Sobre as nossas cabeças pode estar em suspensão uma enorme fenda, semelhante à que abalou a célebre Casa de Husher de Edgar Poe, mas tal como nesse extraordinário conto, as pessoas parecem estar pouco conscientes do perigo que as espera e das consequências inevitáveis dessa brecha. Por isso é tão necessário lançar esse aviso, esse grito de alerta, mesmo que alguns teimem em não ouvir. No fundo, a arte sempre teve essa utopia de se dirigir a estes confrontando-os, mas sempre foi mais captada pelos que têm os sentidos mais apurados e que os desejam apurar ainda mais. É assim inevitável que não se atinja quem possa ser mais duro de ouvido ou que possua percepções mais embotadas, muitas vezes por pura teimosia, em abrir-se a percepções de dados do Real importantíssimos que continuam a ser sistematicamente ignorados. Pena é que esta atitude seja comum a quem normalmente detém o poder e possui a este um apego extremo que o/a torna incapaz de ver para além das aparências que a todo o custo quer conservar. Infelizmente este tipo de miopia tem-nos custado muito caro e o que se exige actualmente aos governantes é que actualizem as lentes que usam para nos governar. Assim, poderão corrigir os seus graves desvios de visão, de modo a não deturparem nem manipularem a realidade, cuja autenticidade deve ser preservada sob pena de sermos todos vítimas de delírios obsessivos de uns quantos indivíduos que se dizem especialistas em economia ou finanças, quando, por efeito de várias pressões, podem apenas sofrer de desordem de personalidade que os pode aproximar de um Norman Bates, a célebre personagem de *Psycho* celebrizada por Alfred Hitchcock. Seria muito mais honesto assumir o facto de quão perto estamos todos, na nossa época, de nos tornarmos psicos, pois esta consciência tornar-nos-ia menos vulneráveis aos riscos da desordem mental motivada pela decadência de estruturas de vária ordem. Repare que a crise actual começa com a falência de edifícios, estruturas com as quais se especulou e que não aguentaram a pressão que sobre elas se exerceu. Por consequência, os seus habitantes foram também pressionados e sucumbiram. Hoje em dia, muitas casas são espaços de assombração para quem lá vive, e por isso os escritores góticos, que tanto exploraram este tema, são tão actuais. Todos eles construíram as suas casas como símbolo das mentes de quem as habita. O que vemos é que as estruturas caem, porque as mentes se desagregam. Esta relação de causa e efeito é fundamental para entendermos o que se passa connosco neste início de milénio.

***3. Considera que a sua obra nos convida (leitores) a atravessar um processo de desencantamento? E que consequências poderão surgir para o leitor neste processo?***

O desencantamento será inevitável quando se pretende atingir o que é autêntico rasgando máscaras de toda a espécie, especialmente as da linguagem, estabelecendo-se com o leitor um compromisso de fidelidade para com esse objectivo. Assim, a visão daqui decorrente será necessariamente mais distópica do que utópica, embora se parta do desejo dessa utopia e se espere que ele não nos abandone nem abandone para sempre o leitor. Das mais negras trevas poderá nascer a mais clara luz, como já Milton havia descoberto no seu *Paradise Lost*, através dessa expressão paradoxal de “darkness visible”, que por alguma razão também serviu de epígrafe a Fernando Pessoa para “A Hora do Diabo”. Se calhar, será mesmo urgente ouvirmos com mais atenção a voz desse Diabo, de todos os diabos que nos habitam e manipulam. Talvez devêssemos começar a exorcisar mais os nossos demónios, e esse é o convite que lanço aos leitores, que não devem ter medo de os confrontar e até de com eles se identificar, pois, como sabemos, costuma ser pela sua voz que se dizem as mais “puras” verdades, apesar da impureza das suas palavras. O próprio Shakespeare já fizera esta descoberta ao concluir que, pela voz dos seus vilões, obteria um maior grau de verdade. O seu inesquecível Ricardo III foi bem disto exemplo. Alguém que acredita tanto no poder e na eficácia destas vozes perversas não pode ter uma visão encantada da realidade, pois como sabemos os demónios foram criados para não deixarem os anjos em paz e é desta inquietação e sobressalto que vive este livro, cujo objectivo central é desassossegar os seus leitores.

***4. A percepção que o ser humano tem do Real é um tema explorado nesta obra. Considera que a percepção hegemónica que o homem ocidental tem sobre o Real afecta a forma como todos vivemos no mundo?***

Sim, afecta-nos a todos decisivamente. Cabe aos escritores e artistas intervirem para modificarem essas percepções, colocando-as em causa e subvertendo totalmente sistemas instituídos de preconceitos que têm impedido muitas gerações de acederem a um sentido mais autêntico do Real. Pensar o mundo ao contrário de como nos é apresentado é sem dúvida uma prática muito saudável. Virá-lo totalmente de pernas para o ar, como o fez Lewis Carroll, é realmente um dos grandes poderes da criatividade humana.

***5. Podemos caracterizar esta obra como uma obra pedagógica?***

Compreendo o que quer dizer, mas não gosto do termo “pedagógico” aplicado a algo que possa ter algum alcance ou valor. Um dos meus grandes orientadores intelectuais, Edgar Allan Poe, costumava aplicar a expressão “heresia do didáctico”, uma vez que tudo o que era didáctico representava para ele uma grande heresia. Eu penso o mesmo, pois se queremos que algo tenha algum efeito nas pessoas, que intervenha para lhes alterar a sensibilidade, nunca será pelas vias da pedagogia, que se baseia em sistemas organizados de ensino e em métodos retóricos de manipulação das palavras. Ora o objectivo deste livro é exactamente o oposto, pois tenta-se desconstruir esses esquemas manipulativos expondo os seus truques e perigos. Trata-se, sim, de colocar sinais de perigo em muitos actos humanos, sobretudo naqueles que são consequência do uso indevido da linguagem. Perigos do conhecimento. Perigos da arte. Perigos do ensino. Perigos da comunicação, etc, etc. É como se o código da estrada se resumisse àqueles sinais triangulares contornados por uma linha vermelha: os sinais de perigo. Só neste sentido é que se poderá considerar este livro pedagógico, pois orienta-nos na melhor direcção de modo a evitar colisões e atropelamentos motivados pelo perverso uso das palavras.

***6. Na leitura da obra percebemos que ignorar que o mal existe em nós e no mundo parece ser uma condição vital para a sua eficácia. Podemos então considerar que revelar o mal se justifica num processo catártico?***

Sim, a ignorância a respeito da presença do mal pode deixar-nos indefesos e constituir-se numa ameaça constante. Por isso temos de estar muito alerta e em estado de prevenção máxima. As fontes do mal podem ocultar-se onde menos esperamos, e por vezes estão mesmo demasiado perto ou já foram por nós interiorizadas. Esse processo de purificação ou de catarse é por isso urgente, porque pode chegar-se ao ponto em que este já não seja mais possível, como bem conclui Patrick Bateman no final de *American Psycho*. Mas falar-se dessa impossibilidade pode igualmente ser uma forma de catarse. Contudo, se perdermos a capacidade de distinção das fronteiras entre o bem e o mal, entre forças destrutivas e construtivas, podemos já não ir a tempo de atingir esse efeito catártico, pois a confusão pode ser total e ter minado toda a nossa capacidade de discernimento. Na ficção gótica estes conceitos opostos estão intimamente associados e existem numa dualidade que nos desafia a capacidade de percepção baralhando-nos categorias do conhecimento convencionais e vulgarmente aceites. Catártico será aceitar a sua ambivalência e estar preparado para a dificuldade de os distinguir. Assumir esteticamente este estado de desconfiança pode ser algo muito positivo e afirmativo, apesar de aqui se chegar por uma visão algo niilista da nossa existência.

***7. De entre as personagens da obra qual aquela com quem mais se identifica?***

Identifico-me com todas, pois creio que se não tivesse havido essa identificação total nenhuma delas existiria. Todas elas existem por um processo de contraste, são como que um jogo entre luz e sombras, entre positivo e negativo. Como tudo na vida, seria impensável que só um desses lados existisse, o que me leva a identificar também com as personagens mais perversas, pois, apesar dos seus excessos linguísticos, considero-as muito autênticas e com uma função importantíssima em toda a narrativa. Deram-me muito prazer a dramatizar a sua voz e diverti-me imenso com isso, pois é bom que a escrita não provoque demasiado sofrimento, mas que seja também fonte de prazer e entretenimento estimulante tanto para o autor como para os leitores. Pode-se dizer que me identifico mais com certas propostas filosóficas e certos dramas de algumas personagens, sobretudo femininas, pois essa faz parte da minha identidade como ser humano, e à qual não posso ser alheia. Por muitas máscaras que invente ou crie, o escritor tem sempre de permanecer fiel à sua experiência pessoal, pois é sempre essa que ele conhece melhor e que deseja expandir permitindo-lhe inventar todas as outras. Não se consegue escrever bem sobre algo que não se conhece, mesmo quando se tem uma imaginação prodigiosa. De qualquer forma é sempre natural que certas personagens produzam graus de identificação diversos, mas aquelas que possuem connosco maior distância são igualmente importantes, pois será sempre por contraste que se chega à identificação mais adequada, e as que ficam de nós mais longínquas existem para provocar esse efeito.

***8. Poderia revelar-nos quais os autores que mais inspiraram a sua criação?***

Sim, claro, embora essa resposta seja sempre limitativa, pois será sempre muito difícil nomear e seleccionar as múltiplas marcas e reminiscências que os universos criativos de outros autores deixam e evocam em nós. Um deles foi já aqui por mim várias vezes mencionado, sendo a sua influência notória nos monólogos neuróticos de várias personagens. Trata-se de Edgar Allan Poe, como é evidente. Mas Bret Easton Ellis é também uma referência quase obrigatória para quem trate a temática da psicopatologia humana em termos ficcionais. Influências vindas de escritores anglófonos seriam sempre inevitáveis, por “defeito” profissional, uma vez que lecciono estas matérias na Universidade de Évora, onde os meus alunos vivem já suficientemente assombrados com as minhas escolhas e preferências literárias. Sem pretender cometer a heresia do didatismo, devo assumir que sempre fui orientada por uma convicção de que os melhores autores são os que nos fazem mergulhar nos abismos, e por isso no meu livro decidi praticar uma espécie de mergulho nos abismos da linguagem para trazer à superfície o seu lado mais negro. Em *Moby-Dick*de Herman Melville, consolida-se esta ideia através duma observação que considero muito perspicaz e que podemos encontrar no capítulo 96, onde se observa que é importante notar que o sol não esconde o oceano que é o lado negro da terra e que representa dois terços do seu tamanho. O que está aqui em causa é o que Melville concluiu a seguir, quando diz que, na sequência do raciocínio anterior, todo o mortal que tiver mais alegria do que sofrimento dentro de si próprio, esse mortal não pode ser verdadeiro, nem desenvolvido, acontecendo o mesmo com os livros – a que eu acrescentaria – e com os seus autores. Assim, todos os escritores que partilhem desta opinião serão para mim uma influência incontornável, e como sabe os melhores escritores contemporâneos não se têm, por norma, distanciado muito desta visão mais negra do mundo em que vivemos, pois poderão arriscar-se a produzir um tipo de ficção algo superficial e pouco profunda. Todos os que não desejem ser superficiais, e recusem tanto uma visão optimista como o excesso de ornamentos estilísticos e retóricos, me interessam. Enrique Villa-Matas chamou-lhes escritores do NÃO, esses “no-sayers” de que Melville também tanto gostava. Dizer NÃO é cada vez mais importante, hoje em dia.

***9. Entre a obra e o autor estabelecem-se relações muito complexas e diversificadas atingido, por vezes, o ponto em que, como diz Lévi-Strauss, o autor, ao reler a sua obra, poderá perder a percepção de ser o seu executor, atribuindo a realização da mesma a um estado de transe onde a obra se revela. Desta forma, considera que a sua obra pré-existia à sua realização? E que relação estabeleceu com a obra quando a releu?***

Sim, há muito na escrita que foge ao nosso controlo. O livro torna-se quase um ser vivo autónomo, independente de nós após estar terminado. A experiência de releitura e reescrita acontece tantas vezes que nos impede de ganhar com a obra alguma distância durante o seu processo de desenvolvimento. Só quando a deixamos repousar, e que algum tempo passe sobre essa fase de acabamento, é que ganhamos alguma distância que nos provoca alguma estranheza. Depois de tanto trabalho, temos a sensação que o livro não foi escrito por nós, mas por um sósia, um duplo que tomou o nosso lugar e nos roubou muitos momentos criativos. Esta sensação é também um pouco “gótica”, pois não há nada que nos assuste mais do que o poder de alguma entidade nos substituir e tomar totalmente conta da nossa personalidade conduzindo-a por caminhos inicialmente não planeados. Mas isto faz também parte da aventura da escrita, pois tal como a concebo implica correr certos riscos de ser possuída por vozes e pensamentos subterrâneos que foram durante tanto tempo impedidos de se exprimirem que, quando surgem, se tornam seres autónomos com muita energia e vitalidade.

***10. Concordaria se dissermos que o conceito de metaliteratura surge como processo nesta obra?***

Sim, é um livro que fala de outros livros e vive dessa convivência, como aliás acontece com muitas outras ficções contemporâneas. Se, por exemplo, uma obra de arte actual deve ter consciência da tradição criativa que a precedeu, evocando por vezes várias épocas diferentes da História de Arte, a criação literária não tem de ser diferente, pois deve ter atenção ao seu cânone, atenção essa que provoca aquela “ansiedade da influência” de que muito falou Harold Bloom. Na ficção gótica o que acontece, por vezes, é que esse diálogo se estabelece de uma forma irónica que parodia o próprio género, como acontece em “How to Write a Blackwood Story”, um conto humorístico de Poe que muitos interessados em escrita criativa levam, por vezes, a sério, mas que não passa de uma brincadeira que usa os clichés próprios do Gótico para os criticar e subverter. Essa proposta de subversão irónica está também contida em *Palavras Assombradas*.

***11. O processo criativo exige sempre um esforço e uma entrega total do autor. Como foi viver a experiência criativa? Como foi viver entre a ficção e a realidade?***

Devo dizer que não foi demasiado gótico, pois caso contrário não sobreviveria, nem estaria aqui para contar como foi, não é verdade? Contudo, no período de escrita estive sempre atenta aos aspectos mais góticos e perversos do mundo à minha volta. Não porque tenha um especial gosto em concentrar-me no lado mais negro da nossa existência, mas muito simplesmente porque quem escreve não se pode dar ao luxo de andar distraído. Isso faz com que as minhas antenas estivessem permanentemente activas para captar tudo o que pudesse transformar-se em material reutilizável pela ficção. Foi um período em que nada se podia perder e tudo se transformava em matéria ficcional. Sentia que se operava uma espécie de alquimia.

***12. Qual foi o pior momento ou a pior experiência com que se deparou durante o processo de criação?***

O pior momento da experiência criativa deverá ser sempre o bloqueio ou o terror da página em branco. Trata-se realmente de uma experiência muito gótica, pois o facto de nada poder ocorrer faz desse nada, ou dessa privação, o motivo principal do terror da escrita. Este *suspense* pode também ser acompanhado do prazer de esperar o que não se conhece. Esta espera, sentida como uma esperança intranquila, evidencia o sentimento contraditório que está na base do sublime tal como o perspectivou Jean-François Lyotard em L’ Inhumain. Quando isso acontece há que não dramatizar e procurar fazer outra coisa, como por exemplo passear o cão, ou dedicarmo-nos à jardinagem. Poderá ser nestes momentos de descontracção que as melhores ideias nos surgem. Pode-se dizer que os maus momentos até durante a escrita são úteis, pois espera-se que conduzam a melhores momentos, a momentos criativos. A experiência um pouco “gótica” inicial terá sempre por objectivo uma produção criativa final, o que mais uma vez prova que das trevas se atinge a luz.

***13. Acredita que os personagens em Palavras Assombradas são uma extensão -formas em devir- da autora?***

Todas as personagens são extensões do seu autor. Algumas tornam-se mais autónomas, mas, com mais ou menos identificações, todas ganham vida própria assim que a narrativa avança. Aquelas em que nos podemos projectar mais directamente são mais controláveis, embora as mais interessantes de serem criadas sejam aquelas que nos escapam totalmente ao nosso controlo e que podem evoluir em várias direcções que não tínhamos previsto ou revelar traços de carácter que inicialmente seriam insuspeitos. Isto deve-se ao facto de um texto ser uma entidade autónoma como T.S. Eliot já observara, estando o autor sob influência desse “complexo autónomo” capaz de o transformar numa espécie *médium*, numa entidade que, embora imbuída do desejo de controlo e racionalidade, acaba por ser um veículo para outras vozes que se materializam e objectivam em palavras e imagens.

***14. Como descreveria a experiência de escrever Palavras Assombradas?***

Descreveria como uma experiência libertadora. Como um acto de liberdade face a um mundo dominado por falsidades e falsas palavras que constantemente nos incomodam. Também como uma avaliação do perigo de corrupção pelo poder da linguagem. Certos usos das palavras podem corromper-nos completamente, e por isso é tão importante estarmos atentos a todos os malabarismos e astúcias linguísticas de todos os que possuem o dom da palavra, uma vocação que facilmente se tornará perversa. Poderá ser igualmente um lamento pelo estado de desconfiança permanente em que vivemos. Não poder confiar no que nos dizem os nossos semelhantes, sejam eles governantes, amigos ou familiares, é de facto muito triste e inquietante.

***15. Para quando a próxima obra?***

Neste momento há uma certa imprevisibilidade relativamente a essas datas. Além disso, não tenho especial tendência para investir na criação literária a ritmo acelerado, pois ao contrário de algumas personalidades da nossa cena cultural e política, não consigo desempenhar bem esta tarefa enquanto tiver outras que me consomem tempo e energia em doses muito consideráveis. Por outro lado, partilho da opinião de Manuel António Pina, quando, num dos seus rasgos mais inspirados, disse que precisamos mais de boas pessoas do que de bons escritores. É importante interrogarmo-nos sobre o que poderá a Literatura fazer pelas pessoas. Sou, por isso, totalmente a favor que se promova um maior sentido de humildade por parte de quem escreve, embora se viva numa época em que muitos acham extremamente fácil escrever um livro e publicá-lo, após o que se consideram escritores de direito próprio. Daí que as livrarias estejam a abarrotar de livros, onde nada de muito novo parece dizer-se, e que só existem como exercício de afirmação dos *egos* dos seus autores. Um livro não passa de um conjunto de palavras, e sabemos como em muitos livros as palavras fracassam e falham, pois certos autores falam demais como muita gente no nosso quotidiano, o que faz com que se desconfie do uso que se faz das palavras. O excesso de presunção na área da Literatura e das outras artes tem-lhes sido fatal, e como tal deve-se defender uma maior relação entre ética e estética, pois, como bem observou Georges Steiner, pode-se ser um excelente apreciador de Bach ou Mozart e ser-se ao mesmo tempo um torcionário. É que infelizmente não existe uma relação directa e proporcional entre os valores culturais, científicos ou artísticos e a formação humana. Isto devia preocupar-nos a todos.

***16. O que pensa tê-la levado a preferir o Gótico como modo de expressão mais adequado?***

Provavelmente deve ter sido ocasionado pelo meu encontro fortuito, em casa do meu avô, com um velho livro de páginas amarelecidas e gastas cujo título, aos sete anos de idade, me provocou uma curiosidade extrema por esconder um enigma que me pareceu impenetrável e insondável. Esse livro intitulava-se *O Barba-Azul*, e, como se poderá calcular, a sua leitura, naquela idade, implicava o contacto com perigos e mistérios incalculáveis que deixariam para sempre a sua marca. Penso que andei uns dias a sonhar com chaves ensanguentadas ou com mulheres encarceradas e mortas num quarto secreto. Não seria suposto eu ter acesso àquela obra e ninguém dos que me rodeavam deveria saber de tal experiência, o que a tornou ainda mais apetecível e com efeitos posteriores muito férteis na construção das minhas preferências literárias. Seria para mim aquilo que actualmente se denomina de “livro fundador”, uma matriz de referência inesquecível, à qual se vieram juntar outras do mesmo género.

***17. Na sua percepção do Real qual é o lugar das palavras?***

Têm um lugar muito central, pois acredito que foram pensadas para terem uma função de união entre os falantes e não para provocarem a desunião e o caos. Elas têm uma natureza dual, pois possuem um lado material pelo qual se manifestam através de formas e sons, e uma outra faceta mais abstracta, espiritual e psicológica, pelo que devemos contar com esta dualidade para entender alguma da estranheza que o seu mau uso, por vezes, nos provoca. Ralph Waldo Emerson, o grande filósofo americano do pensamento transcendentalista, chegou a dizer que as palavras são uma ponte entre a natureza e o espírito, considerando-as um símbolo deste. Numa época em que a nossa identidade espiritual está tão ameaçada, julgo ser supremamente importante preservar este poder das palavras. Como tal, o seu lugar na nossa percepção do Real será sempre de grande destaque. Não podemos nunca deixar que este seu papel de ligação entre estas duas polaridades se perca, pois isso significará também a nossa desintegração e a cisão psíquica de que algumas personagens deste livro tanto sofrem. Sem pontes entre os lados opostos de um Real, a que cada vez menos se acede directamente, ficaremos isolados e à deriva, sem mapas que nos orientem sobre a melhor forma de atravessarmos fissuras e fendas criadas por quem não está atento aos perigos das clivagens e roturas provocadas pela incompetência e más intenções do poder da comunicação através das palavras.

***18. Qual é o seu maior medo?***

O meu maior medo é que se continue a ter medo de existir, como muito bem observou José Gil na sua obra homónima, onde se reflecte sobre os perigos deste sentimento português generalizado. A manipulação de que somos vítimas encontra nesta forma de sentir um terreno muito fértil para a sua expansão. Se alguém, com tendências manipuladoras, decidir, através de um grupo, ostracizar uma pessoa, é facílimo. Daqui nascem actos de violência psicológica dirigidos normalmente a quem contraria formas de estar e pensar dominantes. Nem se precisa ser muito activista, basta não se ter uma propensão muito especial para seguir decisões pouco reflectidas de um grupo onde ninguém tem a coragem de as contestar. Existem casos em que as pessoas violentadas por estas manipulações nunca recuperaram. Vivemos numa democracia de aparências onde muito frequentemente se é impedido de se ter uma opinião que vá contra uma maioria. É hoje impensável e quase suicidário enfrentar-se um superior hierárquico, que muitas vezes só chegou a esse lugar por um acordo tácito com uma maioria resultante de múltiplas cumplicidades e acordos de interesses mútuos. Mas apesar de todos processos usados para se chegar a essas posições, quem chefia, ou se encontra próximo desse poder, ganho muitas vezes a troco de vários favores, sente-se uma personalidade importante caminhando aceleradamente em direcção à arrogância, à prepotência e ao abuso de poder. Dentro duma empresa, duma escola, um indivíduo que seja alvo destes grupos organizados, por não se identificar com as suas práticas, tornar-se-á sempre numa vítima facilmente abatível. Se for funcionário público não vai conseguir subir na carreira. Na privada tem de engolir e calar, senão…rua! Ou seja, tem-se há longo tempo investido em métodos organizacionais que dão poder aos grupos, passando-se a ideia de promover a união entre indivíduos e sentido de camaradagem, quando o que verdadeiramente se está a promover são personagens que se aproveitam destes sistemas para manterem e atingirem posições de poder que lhes permitem anular e não promover os que têm valor e por quem na generalidade se sentem ameaçados. Daí que nos lugares de destaque, em todas as áreas da nossa sociedade, não se encontrem os melhores ou os que mais os mereciam, mas aqueles que, por expediente próprio, agiram melhor para os ultrapassar, porque existem sistemas que propiciam atitudes de competição desonesta, em que impera a intriga e a promoção do conflito interpessoal, onde o uso perverso da linguagem estimula sistematicamente uma espécie de corrupção moral e psicológica. E todos vêem: uns não fazem nada por medo, e outros riem-se e colaboram, para ganhar pontos. Vivemos hoje numa sociedade onde os métodos de avaliação que nos orientam foram inventados por conhecidas marcas de empresas gasolineiras e petrolíferas. Será esta a melhor forma de distinguir valores humanos e de os promover? Quem não terá medo de viver num país ou num mundo assim?

\_\_\_\_\_\_

entrevista: Nuno Cacilhas

Lu